Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

NÍCOLAS CHIDEM/ARQUIVO/JC



Um clássico das noites de quinta-feira

Márcio Ventura conduz há 25 anos o Ocidente Acústico, projeto que valoriza bandas locais e de trabalho autoral e reforça o Ocidente como espaço da música independente

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Considerado um clássico das noites de quinta-feira por quem gosta de música e costuma ir a shows locais, o projeto "Ocidente Acústico" completa 25 anos em 2023. Idealizada pelo produtor Márcio Ventura, a iniciativa que viabiliza a apresentação de bandas e artistas da cena musical de Porto Alegre no icônico Bar Ocidente (avenida Osvaldo Aranha, 960) chega à sua 1.097ª edição com uma atração nova da cidade: o trio instrumental Laitano, Narcizo & Petracco, que reúne os músicos Yanto Laitano (teclados), Filipe Narcizo (baixo elétrico) e Pedro Petracco (bateria).

O trio promete trazer temas autorais que misturam ritmos brasileiros, jazz e funk, em arranjos cheios de batidas e suingue. Os ingressos para o show desta quinta-feira, às 21h, custam R$ 40,00 (inteira) e R$ 20,00 (meia-entrada) e podem ser adquiridos via Sympla.

Essa é uma das características do projeto produzido por Ventura: lançar luz sobre trabalhos autorais de artistas locais. "Mas também há espaço para releituras", pondera o idelizador do evento, que, apesar do nome, costuma receber, em sua maioria, grupos que utilizam instrumentos elétricos, como guitarra e baixo.

"Por isso as aspas no título do projeto", explica o produtor, emendando que o "acústico" é mais uma referência do início da empreitada, em 1998, quando as atrações envolviam apenas trabalhos com violão, voz, e - no máximo - um teclado. "Naquela época, o Bar Ocidente passava por um período em que não podia receber atividades noturnas, o que limitava os eventos possíveis", explica Ventura. Ele conta que as três primeiras edições foram organizadas após a demanda de uma produtora, que conseguiu abrir um horário aos domingos para realizar os eventos no local.

O projeto nasceu com uma apresentação dos Cowboys Espirituais - formado por Júlio Reny (Expresso Oriente), Márcio Petracco (TNT) e Frank Jorge (Graforréia Xilarmônica). Nas edições seguintes, recebeu o trabalho solo de Marcelo Fornasier (o popular 4Nazzo), a banda Os Arnaldos, e os músicos Zé do Belo e Meme Meneghetti. "Já na segunda edição do evento, a produtora - que não consigo lembrar o nome - já havia se mudado para São Paulo, e organizei tudo sozinho. O Fiapo (Barth), proprietário do Ocidente, gostou do resultado e me ofereceu uma noite fixa por semana para seguir com a iniciativa", conta Ventura. "Era para acontecer uns shows por algum tempo, mas nunca imaginamos que teríamos um projeto de tanta longevidade", emenda.

Além da vida longa, o projeto tem uma peculiaridade: conseguiu, no decorrer do tempo, agregar frequentadores assíduos, ainda que "poucos", na avaliação do idealizador e produtor. São pessoas que estão presentes em quase todos os shows, independente do estilo musical, banda ou artista em cena. Dentro do conceito de "acústico", o clima de total intimidade com o público faz jus ao nome do projeto, que é um dos mais "aconchegantes" da casa - sempre lembrada por lançar bandas gaúchas no auge dos anos 1980.

Entre as memórias que carrega, Ventura recorda que a primeira noite do evento teve excelente repercussão "no boca a boca e na mídia" e destaca, ainda, a milésima edição, que lotou os dois ambientes do Bar Ocidente, com os shows daquele evento, executados pela Graforréia Xilarmônica e pela Ultramen. A celebração ainda contou com discotecagem dos radialistas Claudio Cunha e Katia Suman, remetendo à extinta Ipanema FM, emissora que sempre apoiou a iniciativa. "Ajudava muito, pois no início não havia internet", comenta o produtor. Na contramão, ele acredita que, apesar das dificuldades de divulgação serem maiores, nos primeiros anos do projeto o público era mais "fiel".

"Não sei se é geracional, ou se há muitas outras alternativas na mesma noite da semana, afinal, Porto Alegre tem vida cultural ativa", reflete, emendando que, no início do projeto, também havia uma efervescência de bandas gaúchas bem mais intensa que nos dias de hoje. Seja como for, o "Ocidente Acústico" sempre "vinga, ainda que com alguns shows mais lotados do que outros."

Na avaliação do produtor, os projetos autorais são mais desafiadores na hora de garantir público. Ainda assim, ele segue seu planejamento mensal - feito com bastante antecedência - que conta com pelo menos duas apresentações de releituras e duas de trabalhos autorais. E, apesar do carro-chefe ser o rock, o projeto abrange uma amplitude de gêneros, desde samba até jazz, passando por rock instrumental e MPB, entre outros. "Somos bem democráticos. Só não combina com pagode e sertanejo, que foge da nossa proposta. Sem preconceitos", acentua Ventura.

Por conta do ecletismo musical, antes da pandemia de Covid-19 o projeto contava, inclusive, com meses temáticos: Mês Tim Maia, Boca fechada Não Entra Mosca (dedicado à música instrumental), Mês MPB, entre outros. "Poderíamos listar inúmeras bandas que se apresentaram, mas seria injusto com as demais", afirma Ventura. Ainda assim, ele deixa escapar memórias de temporadas memoráveis com as bandas Ultramen, Roda Viva, Pata de Elefante, Funkalister, Reverba Trio, Os Latinoamericanos e Sexteto Blazz. "Teve até apresentação de música erudita, com o Quarteto Corta-jaca, com direito a violoncelo e violino em cena", recorda.

Mesmo com o desafio de manter o projeto acontecendo em meio à pandemia, Ventura conseguiu realizar 14 edições online do evento, entre setembro e dezembro de 2020. "Mas no verão de 2021, explodiu um monte de casos de Covid-19, e só voltamos em agosto daquele ano, quando foi liberado, desde que com limite de público, janelas abertas, e uso de máscara". A "normalidade" se consolidou somente em maio de 2022. "Atualmente, seguimos. Hoje em dia, acredito que o projeto está mais perto do fim, pois nada é eterno: estamos para chegar em 1.100 edições, o que já é uma vitória", avalia Ventura.